

CÔA VISÃO

17

Economia, Ciência e Cultura
N.º 17. ANO 2015



Edição da Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa

ISSN 2245-9344

CÔA Economia,
Ciência e Cultura
Visão₁₇

CÔAVISÃO 17

COORDENAÇÃO

José Manuel Costa Ribeiro
António N. Sá Coixão

EDIÇÃO

Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa
Praça do Município
5150-642 Vila Nova de Foz Côa

DESIGN GRÁFICO

Jorge Davide Sampaio (Fundação Coa Parque)

IMPRESSÃO

Côa Gráfica - Artes Gráficas, Lda.
Vila Nova de Foz Côa

DEPÓSITO LEGAL

978-972-872-8763-20-6

ISBN

978-972-8763-23-7

TIRAGEM

750 exemplares

CAPA

Pendente perto da foz da ribeira de Piscos
Fotografia de António Martinho Baptista

DATA DE EDIÇÃO

Maio de 2015

PERIODICIDADE

Anual

Índice

PREFÁCIO	3
INTRODUÇÃO	5
OS COORDENADORES	
ECONOMIA	
Falhas Institucionais e Científicas da Crise da Filoxera - 1863-1893	10
El desarrollo de los ferrocarriles peninsulares transfronterizos con la provincia de salamanca	28
Usos e propriedades da amêndoa	36
Pensar no presente, o futuro do Parque Arqueológico/Museu do Côa no horizonte 2020	42
As pedreiras romanas do Salgueiro	94
Arte rupestre do castro de São Jurge - Ranhados (Mêda)	100
Glossário dos principais elementos característicos da estação arqueológica de Castanheiro do Vento (3º e 2º milénio a.c.)	108
Escavar para quê? Conhecer os artistas para compreender a arte do Côa	120
O Plano de Salvaguarda do Património do Aproveitamento Hidroeléctrico do Baixo Sabor (PSP do AHBS),	132
CIÊNCIA	
O Carril Mourisco	52
O traçado romano de uma grande rota contemporânea	
As “estruturas circulares” em Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa). Exercícios descritivos e interpretativos da forma e da organização do espaço	80
CULTURA	
Banda musical de Freixo de Numão – 1865 – 2015	171
150 ANOS AO SERVIÇO DA CULTURA	
Armando Martins Janeira e o pensamento colonial	181
Adventino Fachada, um artista da história local	183
Parque Arqueológico do Vale do Côa - Portefólio I	187
Criar destruindo: a arte de Vihils	245

O Carril Mourisco

O traçado romano de uma grande rota contemporânea

Alexandra Cerveira Lima*
André Rolo
Filipa Santos
Hugo Morango
Paulo Amaral*
Sara Oliveira
Bárbara Carvalho
Eduardo Realinho
João Muralha
Miguel Torres
Rodrigo Dias ¹

Resumo

A Direção Regional de Cultura do Norte promoveu a conceção de uma grande rota na área oriental do território que tutela, usando como base o que se conhecia do traçado do Carril Mourisco. Pretende a DRCN que esta grande rota se constitua num interessante eixo de visita ao território e aos monumentos que tem valorizado. Uma vez que o traçado acompanha o Parque Natural do Douro Internacional, o projeto constitui uma parceria entre as duas entidades, DRCN e ICNF, através do Departamento de Conservação da Natureza e Florestas do Norte. Procurou-se estabelecer a ligação com as duas grandes rotas recentemente constituídas ou reconfiguradas no interior centro: a Grande Rota do Vale do Coa e a Grande Rota das Aldeias Históricas. Deste projeto se dá conta neste número da Coavisão.

Palavras-chave

Carril Mourisco; Grande Rota; Articulação norte e centro; Articulação natureza e cultura; valorização do território.

Introdução

A Direção Regional de Cultura do Norte promoveu a conceção de uma grande rota na área oriental do território que tutela, usando como base para o efeito o traçado de uma via secundária romana conhecida na cartografia, memória local e bibliografia como *Carril Mourisco*. Pretende a DRCN que esta grande rota se constitua num interessante eixo de visita ao território

articulando-se com alguns dos principais monumentos que tem vindo a valorizar no Nordeste. Uma vez que o traçado acompanha o Parque Natural do Douro Internacional, podendo constituir-se num eixo que interliga vários percursos pedestres que o ICNF disponibiliza, desde o arranque do projeto

constitui-se uma parceria entre as duas entidades, Direção Regional de Cultura do Norte e Instituto de Conservação da Natureza e das Florestas, através do Departamento de Conservação da Natureza e Florestas do Norte. Por esta razão também, procurou-se que a Grande Rota do Carril Mourisco ultrapasse o Douro para sul, acompanhando o Parque Natural do Douro Internacional na totalidade da sua extensão e, simultaneamente, estabelecendo a ligação com duas grandes rotas recentemente constituídas ou reconfiguradas no interior centro: a Grande Rota do Vale do Coa (<http://granderotadocoa.pt/percorrer-o-vale-do-coa/>) e a Grande Rota das Aldeias Históricas (<http://www.aldeiahistoricasdeportugal.com/percursos/grande-rota/>). Procura-se assim contribuir para a constituição de um corredor de visita ao território oriental que liga o Planalto Mirandês à Cova da Beira, Miranda do Douro ao Fundão. A norte, diversos percursos já criados no território, desde logo os diversos itinerários do Parque Natural do Montesinho e a Rota da Terra Fria (<http://www.rotaterrafria.com/>). A Rota dos Castros e Verracos, de notabilíssimo percurso, aguarda revalorização.

Agradecendo aos responsáveis pela edição da Coavisão a oportunidade de dar a conhecer o ponto da situação deste projeto, apresentamos os trabalhos já realizados.

Abordagem e equipa

A primeira fase do trabalho passou pelo trabalho de campo dos arqueólogos André Rolo, Rodrigo Dias e Sara Oliveira e de Filipa Santos e Hugo Morango, especialistas na área do património (ilustração e vídeo, e antropologia). Do resultado dos seus trabalhos resultaram relatórios contendo:

*
Coordenação executiva do projeto pela parte, respetivamente, do ICNF/DCNFN e da DRCN

¹
Colaboração de António Martinho Baptista (fotografia)

Inventário do património arqueológico e arquitetónico relacionável com o Carril Mourisco, Sara Oliveira;

Plataformas e software de registo e navegação aplicados ao Carril Mourisco, Rodrigo Dias;

A criação de itinerários de visitação do património no Carril Mourisco nos concelhos de Freixo de Espada à Cinta, Mogadouro e Miranda do Douro, André Rolo;

Contos de caminho, Etnografia do Carril Mourisco, Freixo de Espada à Cinta, Miranda do Douro e Mogadouro, Filipa Santos e Hugo Morango.

Destes relatórios se dá conta, sinteticamente, neste texto. A segunda fase deste trabalho consistiu essencialmente em trabalho de campo e de pesquisa bibliográfica procurando-se adequar o traçado definido na primeira fase a um percurso atual com características adequadas a uma grande rota.

A equipa integrou, do lado da arqueologia Alexandra Cerveira Lima, Bárbara Carvalho, Carla Magalhães e João Muralha, o biólogo Eduardo Realinho e também o arquiteto Miguel Torres.

O Carril Mourisco, contexto histórico e identificação do traçado

André Rolo, Sara Oliveira e Rodrigo Dias

No seguimento da identificação no terreno do denominado “Carril Mourisco” ou “Estrada Mourisca”, tido por Francisco Sande Lemos como uma importante via secundária visível ao longo da maior parte do Vale do Douro e Planalto Mirandês (LEMOS 1993: 299), levámos a cabo a localização de sítios arqueológicos e monumentos classificados ou inventariados, procurando criar um inventário atualizado na sua relação com esta via².

Embora vários estudiosos tenham já feito referência a esta via, Francisco Sande Lemos foi o primeiro a sistematizar a informação relativa ao “carril” relacionando-o com sítios arqueológicos de cronologia romana. A sua inventariação e descrição do percurso foi a base deste trabalho que, conjugado com a representação da *Antiga Estrada Romana* e restante toponímia nas *Cartas Militares de Portugal* de 1944/1945, nos permitiram traçar um percurso provisório a ser testado posteriormente no terreno.

Embora nesta via secundária “se pode transitar por ela sem se entrar em povoação alguma”³ optámos, de acordo com o definido pela DRCN, por localizar e identificar todas as povoações adjacentes ao carril, atualizando o inventário do seu património com relevância para o caso.

A inventariação feita teve como propósito identificar os locais mais relevantes do ponto de vista histórico,

arqueológico, religioso e natural, de modo a que não só possamos relacioná-los com a circulação desta via, como servir de base à criação de futuros itinerários⁴.

A *Estrada Mourisca*, denominada em Espanha por *Estrada de la Reyna*, de *las Domnas* ou *Dueñas*, foi referenciada pela primeira vez num documento de 1172, que menciona literalmente o *carril mourisco*, como uma estrada em boas condições na qual se viajaria sem qualquer problema (GOMEZ MORENO 1927:57)⁵. Estrada secundária à Via XVII (Asturica Augusta – Bracara Augusta), embora haja uma total ausência de marcos miliários que o atestem, o Carril Mourisco ligaria essa importante via ao Douro, no local de Barca d'Alva, ligando assim o território a norte desse rio com o que corresponde atualmente ao distrito da Guarda. Durante a Idade Média a criação de outros eixos viários permitiu a ligação entre os vários castelos raianos (LEMOS 1993: 315, 316), mas sempre intercetando a *Estrada Mourisca*, onde ainda persistem cruzeiros a assinalar esses cruzamentos. Castelos como o de Algosó, Penas Roias, Mogadouro, Miranda, Outeiro etc. foram essenciais ao controlo desta via, numa época marcada pela instabilidade. O seu acesso por terra à fronteira, no planalto mirandês, e a posterior circulação isolada, foi alvo de atenção por parte do reino português, nomeadamente no

² CARDOZO (1747); PIMENTEL (1876); VASCONCELOS (1895); AIRES (1898); PEREIRA (1908); ALVES (2000); GOMEZ MORENO (1927); MOURINHO (1978).

³ VASCONCELOS (1895), p. 11.

⁴ O inventário entregue à DRCN foi criado para facilitar a consulta geral do património, apresentando campos destinados ao número do sítio, designação, localização, coordenadas atualizadas, respetivas fichas institucionais (IGESPAR e DGEMN), cronologia, notas bibliográficas etc. Cada sítio encontra-se igualmente descrito mais pormenorizadamente em fichas individuais com registos fotográficos próprios e outros suportes digitais, quando necessários à sua leitura.

⁵ Este documento está transcrito integralmente na obra de AZEVEDO, Rui (1958), *Documentos Medievais Portugueses – Os Condes Portucalenses e D. Afonso Henriques*, Lisboa, Academia Portuguesa de História, p. 410, Documento nº 310.

séc. XVIII, após a invasão dos castelhanos em 1762, no âmbito da Guerra dos Sete Anos. Desse modo, foi ordenado o mapeamento de todas as vias de acesso ao território português, inclusive o Carril, pelo corpo de engenheiros militares que salientaram igualmente os principais focos de defesa territorial como rios e castelos ⁶.

Embora Francisco Sande Lemos conclua que o fim ou início do carril se dê junto da Senhora da Luz, em Constantim (LEMOS 1993: 320), optámos por sinalizar o início do caminho de acordo com a Carta Militar de Portugal, onde se encontra representada a Antiga Estrada Romana, e de acordo com os



Fig. 1: Carta topographica da parte da Provincia de Tras os Montes, comprehendida entre o Douro e o Sabor, ate Bragança, 1797, onde se encontra cartografado na parte inferior o Carril Mourisco.

Do ponto de vista histórico tem igual relevo a sua utilização comercial, como se pode observar por alguns topónimos ainda hoje existentes, como a Ponte dos Almocreves (fr. Bruçô e Lagoaça, cc. Mogadouro e Freixo de Espada-à-Cinta, respetivamente).

A sua utilização perdurou intensamente até ao século XIX, com a abertura das estradas reais, tendo sido depois utilizado essencialmente para deslocações entre as povoações. O seu isolamento permitiu igualmente uma utilização ligada ao contrabando.

A Norte do Douro, em território português, esta via distribui-se essencialmente por três concelhos: Miranda do Douro, Mogadouro, Freixo de Espada-à-Cinta. No entanto, parte do território oriental do concelho de Torre de Moncorvo vê-se abrangido pelo traçado do carril, no termo de Carviçais e Mós.

⁶ Instituto Geográfico Português, Cartoteca, Trás-os-Montes, Carta topographica da parte da Provincia de Tras os Montes, comprehendida entre o Douro e o Sabor, ate Bragança, CA76, 1797, S/FI. Arquivo Histórico Militar, Divisões, Outros Fundos / Coleções, Arquivo Militar de Lisboa, Caixa n.º 14, Memória sôbre as particularidades do terreno comprehendido entre o Douro e o Sabor até Bragança, pelo Capitão de Engenheiros Luiz Gomes de Carvalho, 1797.

testemunhos locais. Deste modo, tem início no sítio de Santa Cruz de Candena, em Cicouro (cc. Miranda do Douro), e o seu término a norte do Douro no lugar de Quinta de Alva (fr. Ligares; cc. Freixo de Espada-à-Cinta).



Fig. 2: Início do Carril Mourisco em território português, no sítio da Santa Cruz de Candena (fr. Cicouro; cc. Miranda do Douro). Fot. André Rolo

1º Troço: Miranda Do Douro

Com uma totalidade de aproximadamente 39 quilómetros, tem início em Santa Cruz de Candena (41°39'20,9N / 6°17'25,55°) (fr.Cicouro) e termina na freguesia de Sendim (41°22'44,08"N / 6°28'10,29"O). Na carta militar, este troço surge, em toda a sua extensão, marcado como *Antiga Via Romana*, acompanhando a partir de Norte de Fonte da Aldeia até ao limite do Concelho, o traçado da linha de caminho de ferro do Sabor a partir do quilómetro 101+500 e do IC5, que são paralelos entre si.

2º Troço: Mogadouro

Com aproximadamente 30 km de extensão, tem início no local de união de freguesias de Travanca e Urrós (41°22'44,08"N / 6°28'10,29"O) e termina na freguesia de Bruçó, mais concretamente na Ponte dos Almocreves (41°13'36,16"N / 6°42'52,98"O). Acompanha a linha de comboio do Sabor e o IC5 até noroeste de Brunhosinho onde acaba por infletir para sudoeste afastando-se da linha de caminho de ferro continuando, no entanto,

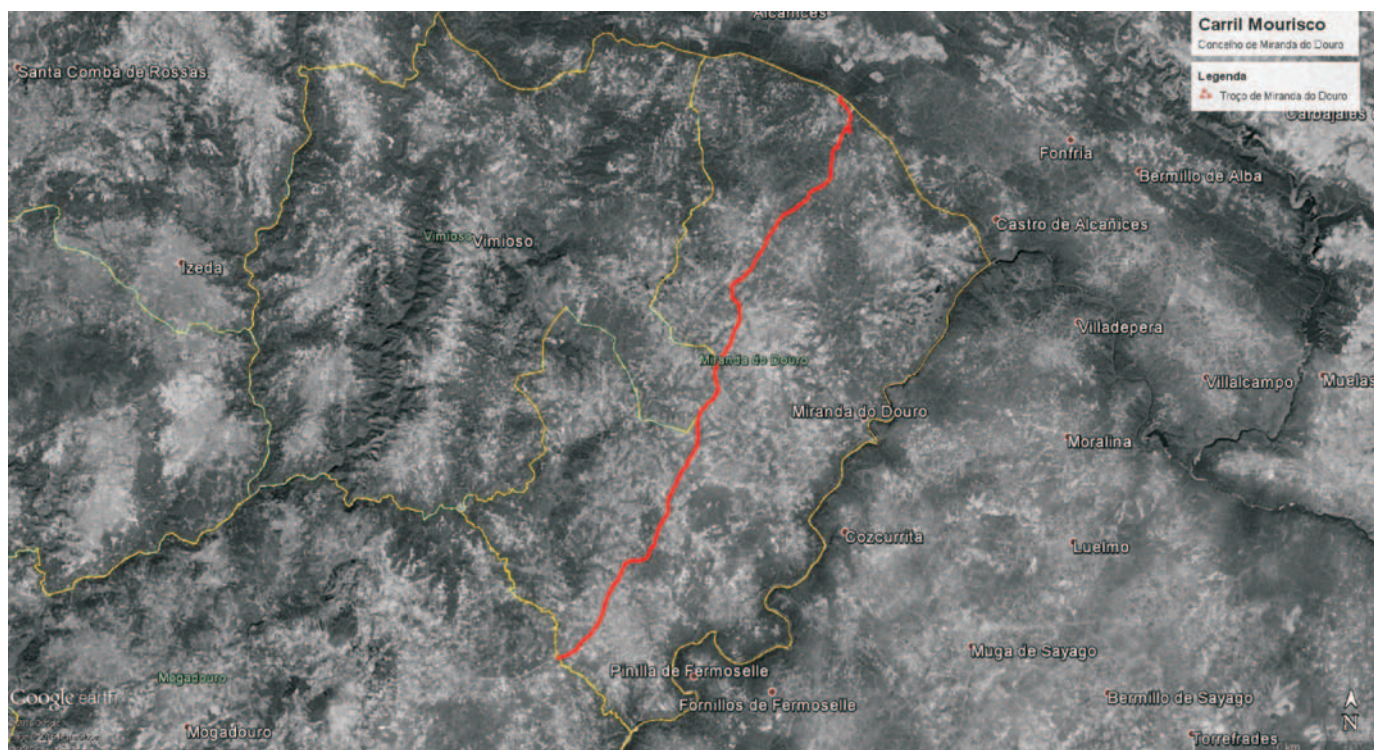


Fig. 4: Troço do carril correspondente ao concelho de Miranda do Douro.
Imagem: Google Earth



Fig. 5: Troço do carril no concelho de Mogadouro
Fotografia: ACPL

paralelo ao IC5. Sofre nova inflexão para sul, a sudeste da Serra de Variz. Após a Vila de Ala, inflete para Sudoeste, passando junto dos topónimos Calçada e Urreta Mourisca, que atestarão a passagem do Carril Mourisco por este local. O troço do caminho que vai desembocar à Ponte dos Almocreves é claramente de alguma importância e antiguidade, sendo bastante largo, por vezes murado e pontualmente são visíveis marcas de rodados nos afloramentos graníticos que se encontram expostos no próprio caminho.

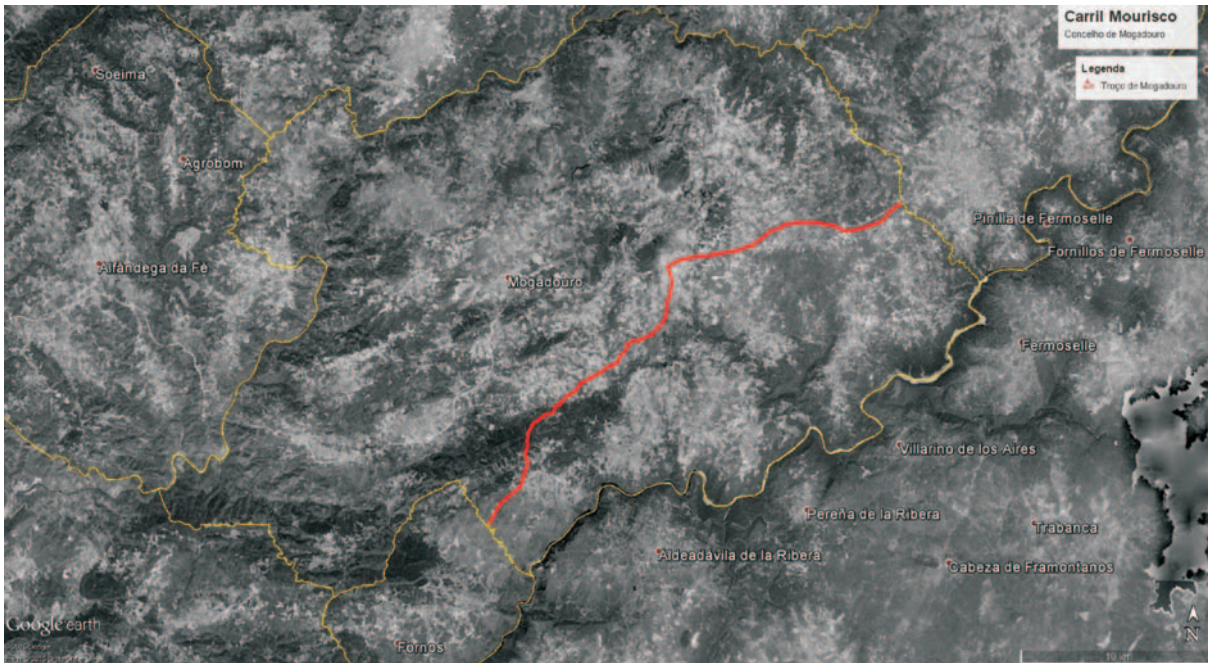


Fig. 6: Troço do carril correspondente ao concelho de Mogadouro
Imagem: Google Earth.

3º Troço: Freixo De Espada à Cinta

Com aproximadamente 44 quilómetros, tem início na freguesia de Lagoaça (41°13'36,16"N / 6°42'52,98"O) e fim na Quinta da Barca (41°1'49,55"N / 6°56'28,83"O). À semelhança do sucedido nos dois anteriores troços, o carril acompanha a linha de caminho de ferro do Sabor até noroeste de Fornos, inflectindo para sudoeste, afastando-se, assim, da linha de caminho de ferro. Passa a noroeste de Mazouco, entra em Freixo de Espada à Cinta pela Ponte do Carril, atravessando a vila a caminho do Penedo Durão. Posteriormente passa por Poiares em direcção à Calçada de Alpajares, o troço com o declive mais acentuado de todo o Carril Mourisco. A Calçada de Alpajares tem início no Castro de São Paulo, a partir

do qual o caminho torna-se sinuoso e descendente, e estende-se por aproximadamente 1 quilómetro. Segue pelo Vale da Ribeira do Mosteiro, atravessando-a, atualmente, num pontão de cimento mas, originalmente, seria possível que a travessia fosse feita pela Ponte do Diabo, hoje destruída. Com direcção ao Rio Douro toma a direcção oeste ao longo do mesmo até à Quinta da Barca, onde terá existido uma travessia que faria a continuidade do Carril Mourisco para sul do rio Douro.

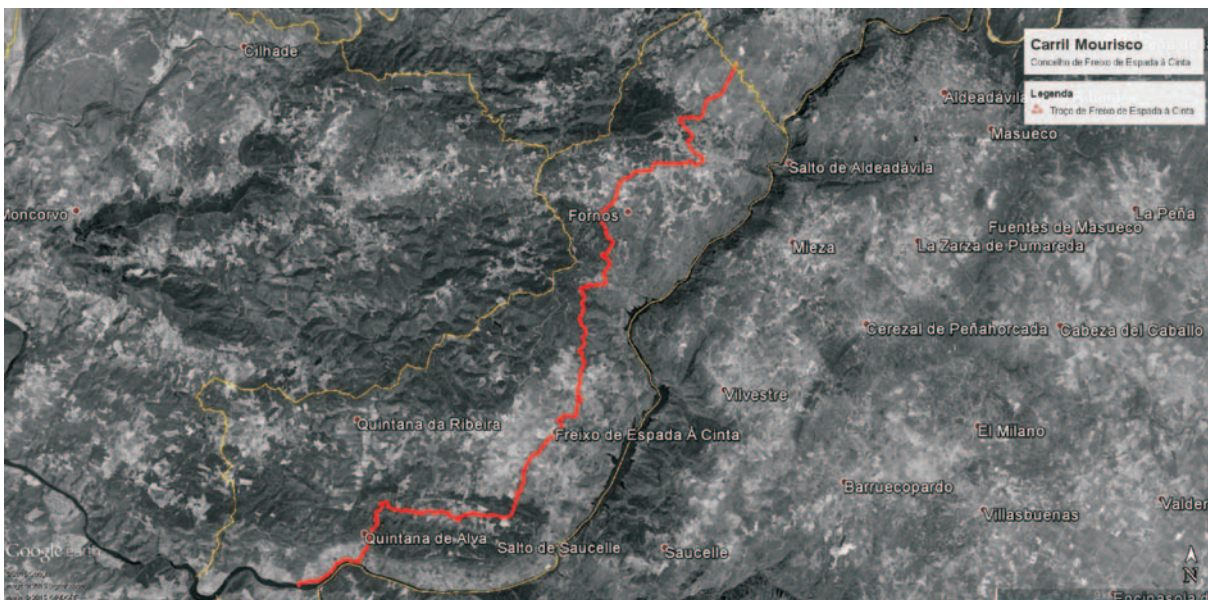


Fig. 7: Troço do carril correspondente ao concelho de Freixo de Espada à Cinta.
Imagem: Google Earth.

4º Troço: Figueira de Castelo Rodrigo

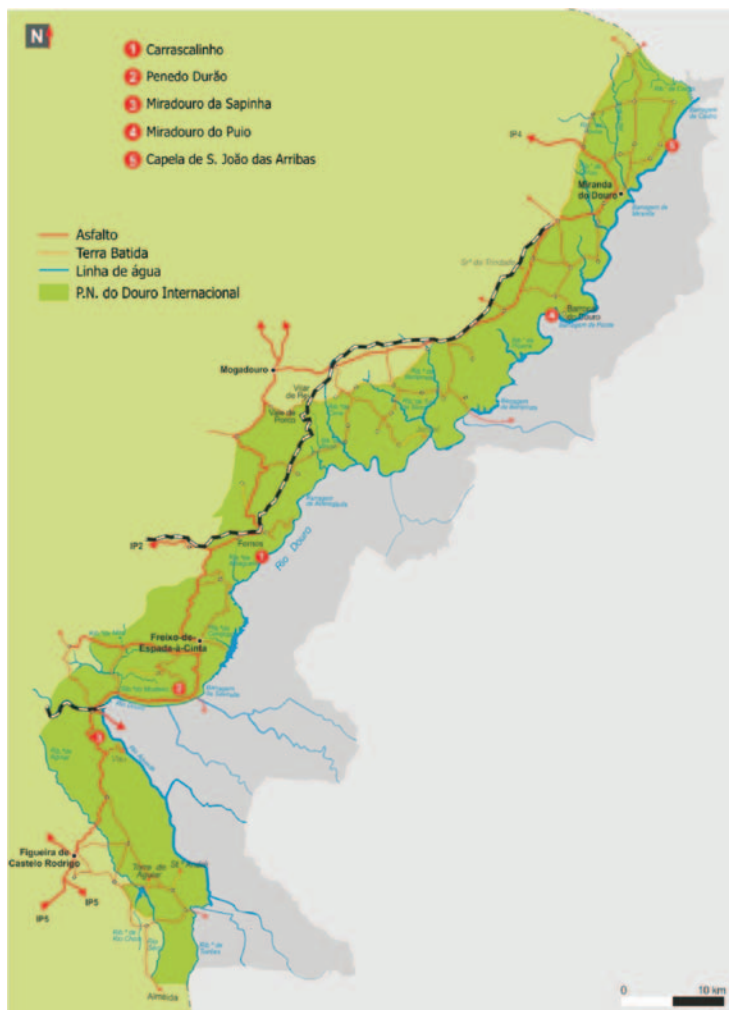
Transposto o Douro para sul pela Ponte de Barca de Alva (41° 1'43,96" N/ 6°56'30,07"O) inicia-se a etapa deste último troço que apresenta cerca de 30 quilómetros.

Serpenteia maioritariamente de norte para sudeste no concelho de Figueira de Castelo Rodrigo terminando no Cruzeiro do Roquilho em Almofala (40°51'26,70" N/ 6°51'5,98"O).

Começa por subir a encosta duriense até Escalhão, agora conduzido pelo curso do rio Águeda a leste, e pelo da Ribeira de Aguiar, a oeste. Alcançando terreno mais regular, cruza com a freguesia seguinte, Mata de Lobos, que se encontra mais próxima da sede de concelho.

O carril segue até Almofala, dominado pela fortificação de Castelo Rodrigo e a Serra da Marofa, terminando no Cruzeiro do Roquilho, a caminho de Escarigo.

Para a elaboração deste projeto foram utilizados diversos suportes cartográficos, como a *Carta Chorographica de Portugal*, de 1876, a *Carta Militar de Portugal* à escala 1:25000, e fotografia aérea, obtida principalmente através de Google Earth e Bing Maps.



Foram também utilizadas cartografias em formato vectorial, como os mapas *Topolusitania* e *Open Street Maps*, estas destinadas, principalmente, à navegação no terreno ⁷.

Dado que o Parque Natural do Douro Internacional é central neste território, analisando a área correspondente ao PNDI e aos seus pontos de interesse, sejam eles relacionados com património natural ou cultural, optou-se por propôr a articulação desta grande rota com os percursos inteiramente pedestres, de apreciação da natureza e património definidos pelo ICNF ⁸:

7

No que toca a cartografia em suporte de papel, procedeu-se à digitalização e georeferenciação da mesma, de forma a facilitar a sua utilização, tanto em gabinete, como em trabalho de campo. Estes mapas em formato Raster foram criados recorrendo a diversos Softwares, alguns dos quais ainda em fase experimental, como *Compegps Land*, *Oziexplorer*, *OkMaps*, *Expertgps*, etc. O processo de georeferenciação é sensivelmente o mesmo em todos estes programas, sendo necessário o ficheiro de imagem, preferencialmente em formato JPG, por questões de compatibilidade, e no mínimo dois pontos de referência, com coordenadas conhecidas, que o software utilizará para georeferenciar todo o mapa. Para esta calibração foi utilizado, sempre que possível, um ficheiro em formato .gpx com as informações relativas à maioria dos vértices geodésicos de Portugal, disponibilizado pelo Instituto Geográfico do Exército.

8

Outros percursos disponíveis em www.icnf.pt

Fig. 8: Mapa do Parque Natural do Douro Internacional, com a sua área, vias de acesso, principais povoações e miradouros. (FONTE: ICNF – Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas).

- Percurso entre Almofala e Santo André das Arribas, da Capela de S.ª Bárbara à de Santo André, sobranceira ao Águeda. Salienta-se a existência de um castro e ruína da antiga capela (concelho de Figueira de Castelo Rodrigo) (<http://www.icnf.pt/portal/turnatur/visit-ap/pn/pndi/almof-s-andre>);
- Percurso de S. João das Arribas, notabilíssima implantação de um importante castro romanizado (concelho de Miranda do Douro) (<http://www.icnf.pt/portal/turnatur/visit-ap/pn/pndi/mir-douro-sjarrib>);
- Percurso da Cascata da Faia d'Água Alta, Lamoso, em Bemposta (concelho de Mogadouro), particularmente

- adequado às visitas no final da época das chuvas. (<http://www.icnf.pt/portal/turnatur/visit-ap/pn/pndi/faia-dagua>);
- Percurso da Ribeira do Mosteiro, entre a foz da Ribeira do Mosteiro, subindo a calçada de Alpajares até ao Castro de S. Paulo, derivando depois pela Calçada de Santana e de novo até à foz da ribeira (concelho de Freixo de Espada à Cinta) (<http://www.icnf.pt/portal/turnatur/visit-ap/pn/pndi/rib-most-alpajar>).



Fig. 9: Os quatro imponentes percursos pedestres do PNDI/ICNF, concelhos de Miranda do Douro, Mogadouro, Freixo de Espada à Cinta e Figueira de Castelo Rodrigo.
Fotografia: AMB

Contos de Caminho

Filipa Santos e Hugo Morango

“Contos de caminho” são histórias que se narram enquanto se viaja. Um “conto de caminho” é algo que poderá não ser inteiramente verdade, é antes um entretém que engana as pernas cansadas e as motiva a chegar ao final da história e da viagem. Os recolhidos e que aqui se contam também poderão não o ser. Nestes relatos pode-se imaginar e exagerar, mas eles não escondem o contexto, nem o modo de ver o mundo de quem os conta. O fantástico presente neles é um espelho de sociabilidades e crenças da cultura rural portuguesa que vigorou até aos anos sessenta do século passado. Um paradigma pré emigração massiva, auto-estradas e televisão. E não, já não há muita gente desse tempo, e a que há é a última janela aberta para um tempo que já não é o nosso. Os velhos de hoje dizem “os velhos é que sabiam esses caminhos” (Constantim - MD).

Os caminhos são elementos estruturadores, fundamentais na humanização da paisagem e no relacionamento entre comunidades, muitas vezes obra de seres míticos que os delegaram para nosso uso. No caso do Carril, os mouros surgem em primeiro plano, com uma participação do diabo na Calçada de Alpajares, em Poiares (FEC).

Resumidamente os Mouros, enquanto seres da mitologia popular portuguesa, são seres primordiais que definiram e construíram a nossa paisagem. Habitantes do interior da terra, do cimo de montes castrejos, de pedras e fontes, eram dotados de forças sobrenaturais e riquezas imensas. Como prova da sua força há enormes penedos, antas, gravuras rupestres, castros e túneis; das suas riquezas ficaram por cá mouras encantadas que as guardam numa solidão raramente interrompida por homens a quem elas oferecem o seu tesouro, em troca de rituais de coragem e humildade, que as libertarão dos seus encantos aprisionadores. Freixo, Mogadouro e Miranda estão plenos de histórias de mouros.

Se em termos mitológicos os mouros fizeram o Carril, no discurso popular os romanos entraram agora em disputa com eles quanto à empreitada. É a influência do discurso científico passado pelos eruditos locais que, regressando das cidades munidos de uma filosofia científica especulativa, procuram se emancipar à cultura tradicional, ridicularizando a mitologia local⁹. Os romanos passaram então a ser o antepassado prestigiado¹⁰, o antepassado civilizador, face a face com o selvagem e mitológico. Algo que hoje em dia se alastrou à Idade da Pedra e Judaísmo. A viagem pelo Carril é sobretudo uma viagem por espaços exteriores às aldeias, um tipo de espaço menos

humanizado e seguro, um espaço pleno de ameaças físicas e espirituais no contexto cultural rural português. Se imaginarmos o território rural como um alvo de setas, a localização deste percurso na percepção popular situa-se sobretudo nos segundo e terceiro círculos exteriores, estando na *mouche* o povoado. À volta deste estão os campos e, mais afastados, os baldios, a montanha, florestas e pastagens.

Esta paisagem era bastante diferente há poucas décadas atrás, quando lá “passava muita gente antiga” (Póvoa - MD; Bruçó - Mog). Com o fim da agricultura cerealífera, promovida pelo Estado Novo, gerou-se um progressivo abandono humano dos terrenos. Este abandono é bem notório nas áreas sem criação de gado, hoje dominadas pelas giestas e silvas. Na alegoria do alvo, estreita-se o diâmetro do segundo círculo com a diminuição do peso da função produtiva alimentar e aumenta o espaço do terceiro círculo - o círculo exterior e “selvagem”.

Enquanto que o povoado é um espaço continuamente protegido, o anel exterior necessita de ser gerido por meios especiais, pois ali, onde já não se ouvem os sinos, o isolamento promove o deambular de lobos, ladrões, outros humanos socialmente desenquadrados, espíritos e seres fantásticos. Mas as deslocações da vida quotidiana obrigavam necessariamente ao afastamento do perímetro de segurança comunitário ou pessoal e ao deambular neste terceiro anel procurava-se a proteção de amuletos e rezas.

Em todo o planalto Mirandês o conhecimento popular atesta que o Carril não passa em nenhuma aldeia, contudo, na zona meridional do percurso, é comum identificar-se a sua passagem pelo interior

9
Apesar dos seus trabalhos serem hoje de um extraordinário recurso etnográfico.

10
Vid. "Todos os caminhos vão dar a Roma", de Nuno Resende, pág. 4.



Fig. 10:
Santuário de
Nossa Senhora
do Naso.
Fotografia: AR

das aldeias, como em Lagoaça, Mazouco, Freixo e Poiares. Se não passa por nenhuma aldeia, ele contudo dirige-se para sítios importantes quase sempre não identificados. Um destes destinos seria Santiago de Compostela.

Encontrou-se três referências a Santiago: em Duas Igrejas (MD) foi referido a passagem de peregrinos no tempo dos antigos; em Tó (Mog), um informante associou de um modo bastante livre o Carril a Compostela e à narrativa cavaleiresca dos Doze de Inglaterra; e Gentil Marques, no seu “Lendas de Portugal” conta a história de um cavaleiro peregrino, que regressando ferido de Santiago, se refugia no castelo de Vila de Ala em Mogadouro.

É o precursor da linha férrea do Sabor, da EN221 e do IC5, que a ele se sobrepõem ou seguem em paralelo em vários troços, estranhamente servindo ele como uma velha mitologia que se renova ciclicamente, de acordo com as diferentes necessidades de cada tempo.

O seu abandono deu-se incrementalmente ao ser substituído pelas novas vias que, tal como ele, dizem respeito a toda uma região. Primeiro, o Carril deixa de ser via complementar ao comboio para ser, em parte, substituído por ele. Após as pausas de construção em Carviçais e Mogadouro, o comboio chegou a Duas Igrejas. Então já se ia de comboio para a guerra do Ultramar (Bruçó - Mog; Sendim - MD) e para o Brasil (Sendim - MD) desde muito perto de casa. Posteriormente com a chegada do paradigma rodoviário o abandono é então quase completo.

Com a falta de uso, a definição do seu traçado torna-se nebulosa, o seu conhecimento desaparece com os mais velhos e hoje origina quase sempre debate entre os “mais novos”. Esquece-se por onde passa e que direcção toma. Os meios de transporte alteram-se, alterando-se a percepção da paisagem e assim os topónimos. De um modo geral, os caminhos nomeiam-se pelos sítios onde vão ter ou por algum elemento marcante situado ou acontecido nele. Sendo tão desconhecido para onde vai, os vários nomes do Carril enquadram-se na segunda vertente, estando centrados à volta de mouros, almocreves e ladrões. A experiência de caminhar n’“O Mourisco” refugia-se em algo ligado à infância e juventude e assim o seu nome transforma-se, caminhando o topónimo para a primeira vertente enunciada no início do parágrafo - passa-se a designar aquele fragmento pelo sítio onde ele vai ter. Ao longo das aldeias repete-se a pergunta aos investigadores: “esse não é o caminho de (nome de povoação)?”. A presença do seu topónimo característico é mais forte no troço desde norte até ao concelho de Freixo, aparentemente desaparecendo neste território, que em paralelo já o identifica como passando pelas aldeias.

Aqui, mantém o seu nome apenas na zona entre a Praça Jorge Álvares (Igreja Matriz) e a Fonte de Ménonos.

Com a chegada das novas vias, transforma-se a economia local

e, em pleno Estado Novo, vacas e trigo eram enviados pelo comboio, em vagões carregados à mão:

“A Duas Igrejas o comboio chegou, mais ou menos, em 1938. Quando chegou a Mogadouro já deu um impulso aqui. Trazia adubos químicos. O meu avô foi o primeiro a usá-los. Três sacas carregadas de adubo que foi comprar ao comboio, e pô-lo na Tapada da Malhada. Lançou trigo. O trigo era para as festas e poucos mais - era mais centeio aqui. Colheu duzentos alqueires de trigo. Toda a gente falava! Foi uma explosão! Fez-se aqui o planalto trigueiro em terras que raramente eram cultivadas ou estavam com mato de esteva.”

(Palaçoulo - MD)

Com a estrada nacional (e hoje o IC5) os descendentes dos almocreves, esses mercadores ambulantes de produtos mais ou menos distantes que definiram todo um paradigma de contactos entre zonas pré-industriais, perdem o seu nome arcano, passam a viajar em carrinhas, percorrendo as feiras com mercadorias várias, proveniente não de um outro lado do país, mas do outro lado do mundo. Mas também os há que continuam a andar de terra em terra vendendo peixe e pão, buzinando estridentemente em lugar de apregoar a viva voz ou tocar flauta de pão...

Os caminhos são elementos fundamentais da dinamização económica de qualquer sociedade, e nas memórias locais os antigos vendedores, os almocreves, são os personagens centrais do Carril. De resto, nas aldeias de Mogadouro e Miranda um dos modos mais fáceis de diferenciar e identificar o percurso do Carril nas conversas locais é defini-lo como aquele “caminho dos almocreves”. O Carril “tinha muito trânsito, falava-se que vinham antigamente com cargas” (Brunhosinho - Mog), nele “Passava todos os dias muita gente” (Vilar de Rei - Mog) percorrendo o caminho em cavalos e asininos para dele se desviassem somente para entrar nos povoados em que se procurava negócio. Em Bruçó, o topónimo Carril ou Mourisco, característico do planalto Mirandês desaparece, e chamam-lhe mesmo “o Caminho dos Almocreves”

11

MARQUES, Gentil (1997) *Lendas de Portugal*. Círculo de Leitores, Lisboa, pp. 247-25.

sendo que ainda hoje aí existem os pilares da Ponte dos Almocreves, perto da qual existiu, segundo a tradição local, uma estalagem para os abrigar. No comércio entre as povoações o Carril era utilizado como caminho apenas se servisse o interesse da brevidade do percurso. Por exemplo, das arribas de Sendim (MD) saía vinho pretendido pelos taberneiros do planalto que o iam buscar e transportar em pipas e botos (recipientes de pele de cabra) ao longo do Carril. Em Bruçó (Mog) não havia ferrador, daí que um de Lagoaça (FEC) ia até lá, pelo Carril, exercer a sua atividade. Este ferreiro, aprendeu o ofício em Poiares (FEC) para onde se deslocava também pelo Carril e alguns atalhos. Na zona de Mogadouro referem-se os povos de Vilarinho e Bemposta como terras de muito comércio e origem de muitos utilizadores do Carril, dinâmica atribuída à presença judaica (Bruçó - Mog). Contudo, esta referência cultural não é atribuída a Carção e Argozelo¹² de onde vinham os omnipresentes peliqueiros que vendiam por todo este Leste Transmontano. A venda ambulante e as trocas entre vizinhos eram completadas pela feira e romaria. Estes são dois momentos chave na vida rural, não apenas como o mais importante espaço/ momento comercial, mas como um ponto de encontro e de coesão entre comunidades de uma mesma região com realidades partilhadas. Ali se compravam animais, com grande destaque nas feiras anuais, utensílios para a agricultura, ali se comia e bebia nas tascas (a feira dos Gorazes tinha por si só um cardápio de marca, constituído por marrã - barriga de porco), acedia-se a uma maior variedade de produtos dos que eram trazidos pelos ambulantes (tecidos, ouro) pois os seus fornecedores aproveitando o grande ajuntamento de população vinham ali mercar, servindo este momento também como abastecimento para os vendedores locais. A estas feiras podia-se chegar pelo Carril, como nos casos recolhidos em Constantim (MD) para a feira de Mogadouro (para a do Naso seguia-se outro caminho), em Sendim e Duas Igrejas (MD) para a do Naso, para a de Carviçais (Moncorvo) desde Fornos ou Freixo (FEC), ou desde Lagoaça (FEC) através de uma boa parte das quatro horas de caminho até à feira dos Gorazes (Mog). Mas, além dos almocreves pelo Carril passavam ainda outros personagens, que se tornavam visitantes das aldeias limítrofes. O medo e a desconfiança misturavam-se com a pena por quem vagueava em situações de extrema pobreza. Pedintes, ciganos e ladrões têm cada um as suas características grupais, mas nas histórias estas entrecruzam-se, refletindo uma realidade de sobrevivência complexa.

O Carril, entre a Póvoa e Constantim, é chamado o Caminho Ladrão, do mesmo modo, à zona do braço do Carril que segue para Carviçais (desde a estação de comboio de Freixo) se chamava Vale de Ladrões. Nenhuma história concreta explica estes nomes, mas o possível encontro com ladrões que “saíam ao caminho” (Miranda do Douro) era temido e referido nas conversas de ontem, e nas de hoje. No termo de Bruçó (Mog), do lado Este do caminho, a Pedra das Machadadas foi batizada em virtude de um assalto violento. Em duas variantes recolhidas nessa povoação, um soldado ou um emigrante a caminho do Brasil vinha pelo Carril desde terras de Miranda, para apanhar o comboio no Pocinho. Um estranho acompanhou-o durante o percurso e desconfiando de riqueza tentou atacar o futuro emigrante, não conseguindo concretizar o intento de o roubar. O assaltante foge indo por atalhos até Bruçó, onde se esconde numa grande rocha junto ao caminho. Aí ataca o viajante com uma machada, deixando-o quase morto. Também atestando a perigosidade do caminho, em Vilar de Rei e Paçó, um homem prestes a ser assaltado, finca os pés na rocha e deixa as suas pegadas numa das desaparecidas lajes da Ponte do Mourisco. Para evitar estes roubos acreditava-se que “os ricos andavam esfarrapados para que não os conhecessem” (Freixo - FEC) e que os almocreves enterravam as suas riquezas “em minas”, nos terrenos circundantes ao Carril (Vila de Ala - Mog). Retomando a analogia com um alvo, o perigoso anel exterior que o Carril atravessa era sacralizado e tornado mais seguro através da implantação de cruzeiros, o elemento físico mais marcante ao longo do Carril. Protegendo dos perigos das encruzilhadas e caminhos, estes estão presentes sobretudo na zona norte do percurso onde são, aliás, o primeiro elemento humano a surgir no caminho em solo português, quando se entra por Cicouro (MD). Ao longo de todo o território, a explicação popular para a implantação dos cruzeiros relaciona-se com locais específicos onde

12
Ver o estudo de
António Amorim, da
Faculdade de
Ciências da UP:
<http://www.fc.up.pt/fcup/news/?op=view&id=2364>
(agradecimentos a
Antero Neto pela
indicação)



Fig. 11: Cruz de Perdizes, São Martinho de Angueira.
Fotografia: AR

houve mortes, funcionando como meio de apaziguar a alma que não recebeu a extrema unção, resultado de uma morte inesperada, decorrida fora do espaço habitado, não sacralizado. As histórias de mortes e aparições de almas sucedem-se nas aldeias, mas já raramente especificamente ligadas aos cruzeiros do Carril. Estes estão já distantes da memória local devido ao abandono do Carril, sobrevivendo apenas as histórias ligadas aos cruzeiros que estão nos caminhos ainda usados, os dentro do povoado.

Em paralelo ou contradição com os perigos, é também nestes locais que geralmente se dão as aparições que motivam a construção de capelas e santuários. Nestes concelhos, os santuários mais conhecidos e concorridos são os da Senhora do Naso, na Póvoa - Miranda do Douro e o da Senhora dos Caminhos em Mogadouro, completados pela da Senhora dos Montes Ermos em Freixo. A todos se podia chegar pelo Carril. Para o caminho aqui estudado, assumem contudo importância dois outros santuários, o da Santíssima Trindade em Fonte da Aldeia (MD) e o da Senhora do Picão, num terreno adjacente ao Carril, também na Póvoa (MD). Se os quatro primeiros se enquadram numa longa tradição religiosa de diálogo e cedências entre a população e a estrutura religiosa, o Picão é, desde os anos 60, desprovido da presença oficial católica, tornando-se um caso de religiosidade popular interessantíssimo.

No início do século XX Nossa Senhora aparece a uma criança da Póvoa. Ao longo da vida da vidente, a aparição sucede pelo menos 16 vezes, havendo no termo da Póvoa pedras que marcam estes encontros. Num deles, estava a vidente, Mariana, com o seu irmão, num terreno adjacente ao Carril a cuidar do gado, quando acudindo aos pedidos do pequeno para beber água, Mariana lhe diz para que batesse com o pé no chão. Nasce então a fonte de água milagrosa que se tornou central ao culto da Senhora do Picão. Nesse terreno são mais tarde construídas outras estruturas, como uma capela, um poço, pia para os peregrinos se lavarem ou uma casa de apoio. Hoje já poucas estruturas existem, pois um desacordo entre a vidente e a hierarquia da igreja origina que o templo seja desmanchado e as suas pedras aproveitadas para uma capela lateral do santuário da Senhora do Naso. Ainda hoje, naquele terreno, se podem ver ofertas e testemunhos de milagres intermediados pela água milagrosa, deixados por pessoas provenientes dos dois lados da fronteira.

Se o Carril leva a santuários e inclusive junto a ele se dão milagres, no extremo sul do percurso aqui abarcado ouvem-se histórias de outros contornos.

O Abade de Baçal descreve-a "De hũa parte, e da outra,

vai acompanhada de mui altos, e intratáveis rochedos, que parecem cidades arrouinadas, moradas de ferozes porcos monteses, aonde, de continuo, voão aguias reais; a qual estrada contém em si hum bom quarto de legua: hê chamada, vulgarmente, Alpojares, e de outros Balpojares, nome corrupto, e enchaquoco, de que os caminheiros para aliviam o cansasso do caminho, coriosas fabolas, della, contão"¹³.

A calçada "apareceu feita de noite" (Poiars - FEC), há quem diga que a empreitada foi entregue aos mouros, mas o arquiteto mais recorrente é o diabo que a construiu em troca da alma de um caminhante. Este, que por vezes é um cavaleiro,¹⁴ um frade¹⁵, e outras vezes um moleiro¹⁶ salvou-se pois no acordo que fez com o diabo, este deveria ter a ponte pronta até ao cantar do galo. O galo, que na tradição popular do norte, avisa as bruxas de que o dia está para nascer, cantou pouco antes da obra estar terminada. O viajante passou o rio pela ponte que de noite estava intransponível, pôde seguir caminho e a humanidade ganhou uma subida facilitada, monte acima.

Histórias similares a esta povoam o fantástico português. Em Mogadouro¹⁷ conta-se algo muito parecido, tal como em Mirandela¹⁸ ou em Montalegre. O diabo e o inferno surgem em topónimos associados a sítios considerados horríveis, abismos nas montanhas e fendas, mas também em pontes. Lugares que os habitantes das aldeias consideram perigosos pela sua configuração orográfica.

13
ALVES, Francisco M. (2000) *Memórias arqueológico-históricas do distrito de Bragança*, tomo X - *arqueologia, etnografia e arte*. CM Bragança, Inst. Português de Museus - Museu Abade de Baçal. Bragança, pág. 682.

14
PINHO LEAL, Augusto (2006) *Portugal Antigo e Moderno*. Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão. Lisboa, pág. 114.

15
TEIXEIRA, António J. (2003) *À janela do tempo*. Coleção: *Escritores Populares de Freixo de Espada à Cinta*. CM Freixo de Espada à Cinta. Mirandela, pág. 56.

16
Interpretação relacionada com os moinhos da Ribeira do Mosteiro.

17
CAMPOS, Emanuel - *A Lenda da Ponte Gamona - S. Martinho*; disponível online em [<http://mogadouro.pt/arqueologia-e-patrimonio-mogadouro/380-a-lenda-da-ponte-gamona-s-martinho>]

18
ALVES, Francisco M. (2000) *Memórias arqueológico-históricas do distrito de Bragança*, tomo IX - *arqueologia, etnografia e arte*. CM Bragança, Inst. Português de Museus - Museu Abade de Baçal. Bragança, pág. 93.

Esta zona é descrita de uma forma já bastante efusiva no século XV, de acordo com António Teixeira¹⁹ que cita o padre João Baptista de Castro no seu “Mapa de Portugal Antigo e Moderno” que por sua vez cita a crónica de 1465 do barão Leon de Rosmital -identificando a calçada para a povoação de Alva como difícil, e habitada nos montes vizinhos por:

serpentes curtas e grossas, com asas como as dos morcegos e cabeças com ferrões, voando mais de 350m de cada vez; escorpiões do tamanho de cães médios com costas pintadas de várias cores; e lagartos verdes do tamanho de gatos.

Durante o dia podia-se passar, por os bichos estarem a descansar. Se o local é o apropriado, o momento também o é, já que, tal como nesta história, o tempo de apresentação do diabo é sempre a noite. Surgindo sob várias formas, a maior parte das vezes enquanto animal doméstico brincalhão que aparenta estar perdido, mas também enquanto homem que, por exemplo, surge a caminho das festas, ou em diversas formas no centro das danças das feiticeiras.

Entre outras histórias recolhidas, destaca-se a fonte na descida para a Ponte do Carril, na entrada Norte de Freixo de Espada à Cinta. Dentro dela foi achado um enorme tesouro, apesar de variar de pessoa para pessoa e autor para autor, aquilo que ele realmente era: um menino de ouro (Teixeira, 2003: 28), um menino Jesus de ouro (Freixo, Poiães - FEC), uma bola de ouro (recolhido em Freixo e também presente em Teixeira, 2003: 66), ou uma panela com libras (Mazouco - FEC) retirados de uma “gaveta onde agora falta uma pedra” (idem).

Seja o que for, o personagem é quase sempre um desconhecido de Lisboa que após sonhar com o tesouro, se desloca a Freixo para o ir buscar. Em memória deixa uma quadra:

Fonte do Ménones/ Mé Nunes/ Ménomes,
quem te dever que te pague.

Que eu, dentro de ti

achei o valor de uma cidade. (Fornos, Mazouco, Freixo, Poiães - FEC).

Da antiga via romana à Grande Rota do Carril Mourisco

19
TEIXEIRA, 2003: 34

Alexandra Cerveira Lima,
Bárbara Carvalho,
Eduardo Realinho, João
Muralha e Miguel Torres

Uma vez identificado o caminho e o seu uso, passo seguinte era testar a sua adequação ao traçado de uma grande rota com as características ajustadas a um percurso pedestre. Por outro lado, a equipa que na primeira fase identificou o que teria sido o traçado provável do carril mourisco, fez corresponder a via, no concelho de Figueira de Castelo Rodrigo, aos troços principais das atuais estradas, entre Barca de Alva, Escalhão e Almofala, que importava evitar numa rota pedestre. Era finalmente nosso propósito estabelecer no concelho de Figueira a ligação às grandes rotas do Vale do Coa e das Aldeias Históricas.

Este trabalho de procura de adequação do traçado do Carril a uma grande rota centrou-se pois no trecho sul, menos explorado na primeira fase do projeto, e iniciou-se no concelho de Figueira de Castelo Rodrigo, desta vez em sentido inverso ao da fase anterior: partimos de Almofala, cruzeiro do Roquillo, para norte. A equipa, que integrou em diferentes momentos os signatários deste texto, passou a contar com um biólogo, Eduardo Realinho, uma vez que importa, nos materiais de divulgação e interpretação contemplar conteúdos de leitura da paisagem e da fauna, num território sobrevoado a todo o momento pelas grandes aves das arribas e o no qual um intenso e já longo trabalho de conservação trouxe resultados notórios.

Cruzando os sítios arqueológicos conhecidos atribuídos a época romana, o traçado proposto na primeira fase do trabalho e o contexto paisagístico, estabeleceu-se um percurso Almofala (concelho de Figueira de Castelo Rodrigo) - Lagoaça (concelho de Freixo de Espada à Cinta), que apresentaremos, e dando resposta ao repto da coordenação da Coavisão, apoiando-nos em imagens. Coincidindo no tempo e espaço a marcação da Grande Rota das Aldeias Históricas, foi articulado, através do arquiteto Miguel Torres, o melhor percurso, chegando-se a um traçado comum entre a GR das Aldeias Históricas e o Carril Mourisco entre Almofala e Mata de Lobos. Uma vez que esta rota das Aldeias Históricas já estabelecia

ligação à GR do Vale do Coa, ficava assim também assegurada a articulação entre as três rotas.

De Almofala a Almenara: do Cruzeiro do Roquilho a Mata de Lobos

Este troço procurou estabelecer a ligação entre várias realidades: desde logo o eixo importante que, vindo de Espanha, entra em Escarigo, via que na Idade Média e Moderna foi eixo de penetração importante no reino e que, por essa razão, assume também um carácter de via de peregrinação, que as vieiras esculpidas no cruzeiro do Roquilho evocam. Marca assim um tema que a DRCN queria destacar, o dos eixos que terão servido neste espaço fronteiro de ligação ao noroeste e a Santiago de Compostela.

É também um ponto fulcral de amarração desta grande rota à época a que o *Carril* nos reporta, pela ligação que estabelece à Torre de Almofala, ainda hoje muito visível a quem dirige o olhar para ocidente e que assinala, vestígio imponente de um templo romano, a sede da *Civitas Cobelcorum*.



Fig. 12: Castelo Rodrigo e a Serra da Marofa. Entrada sul em Mata de Lobos. O Cruzeiro do Roquilho em Almofala. Torre de Almofala, dos Frades ou das Águias. Fotografias ACPL



Fig. 13: Da esquerda para a direita: a Grande Rota das Aldeias Históricas e Grande Rota do Vale do Coa conduzem a Santa Maria de Aguiar, Castelo Rodrigo e ao Parque Arqueológico do Vale do Coa (PAVC), com o seu museu junto à foz do rio (Fotografias AMB) e à Reserva da Faia Brava, também no interior do PAVC, área classificada como Património Mundial (Fotografia Faia Brava em baixo: JPR)

A designação que foi dada a este troço evoca, por seu lado, a ocupação islâmica e a multiplicidade cultural que marcou, nos últimos milénios, o território. Almenara é um cabeço destacado na paisagem, ponto de vigia que domina um amplo território para o que são hoje os dois lados da fronteira ibérica.

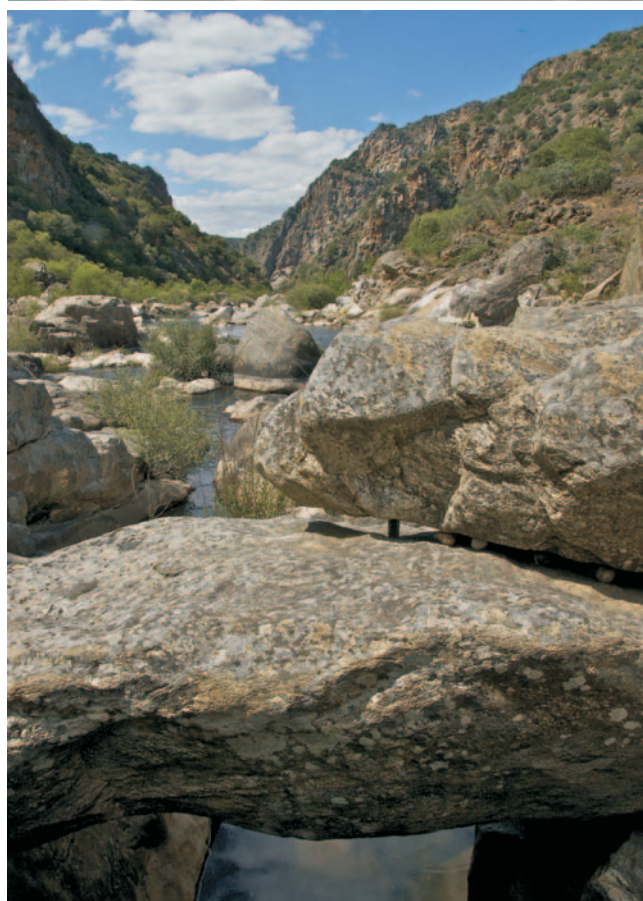
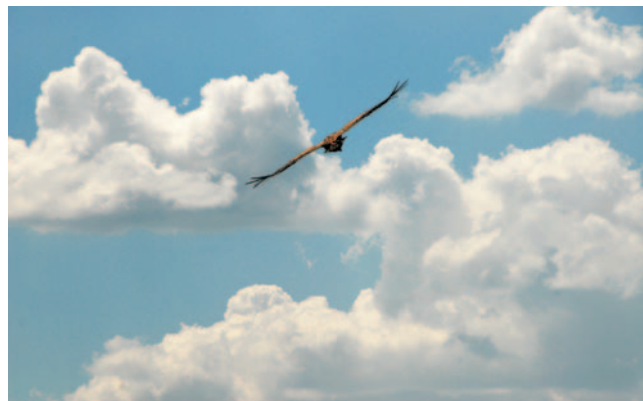
A Grande Rota das Aldeias Históricas que aqui no cruzeiro do Roquilho inflete para sul — rumo a um território onde hoje ganha forma a cultura judaica — e para oeste, conduz, neste sentido ocidental, a Castelo Rodrigo, de fundação medieval leonesa. Daqui segue para o Vale do Coa ligando à grande à grande rota que o atravessa, aportando na Reserva da Faia Brava e Parque Arqueológico do Vale do Coa, repositório da arte do Coa paleolítica património mundial.

Caminhando em sentido oposto, para oriente, a GR das Aldeias Históricas e Carril Mourisco estabelecem aqui a ligação à pequena mas imponente rota, marcada e mantida pelo ICNF neste extremo meridional do PNDI: Santo André das Arribas.



Santo André das Arribas, castro velado hoje por dois berrões graníticos, sobranceiro ao Águeda e instalado num aro mineiro, em que a exploração de estanho marcou presença. O circuito da antiga muralha, o caminho que leva à passagem do Águeda rumo a Espanha, os materiais arqueológicos de época romana e alti-medieval, são ponto forte neste percurso dominado pelas fragas que albergam os ninhos das grandes aves rupícolas que com frequência veremos.

Fig. 14: Santo André das Arribas: o castro e recinto da capela de Santo André. Um moinho temporário no Águeda no sopé do castro. A anterior ermida de Santo André.



De Almenara às minas da Caleira: de Mata de Lobos a Escalhão

Procurou-se que o traçado escapasse à estrada que liga as sedes de freguesia, e que se acercasse de vestígios arqueológicos inventariados e atribuíveis a época romana na proximidade de Mata de Lobos. A paisagem rural remete-nos para realidades diversas: destacaremos aqui as alterações decorrentes do abandono agrícola, com a rede de parcelários graníticos que modula a paisagem e os longos caminhos rurais, murados, que a transumância de curto e longo raio usava, nestas latitudes em que a Estrela se ligava ao Vale do Douro ao ritmo da demanda das pastagens de verão e inverno.

O traçado acerca-se, sem os tocar, de dois marcos importantes das histórias das comunidades humanas que compuseram a História da região: o padrão que evoca a Batalha de Salgadela, monumento nacional das guerras peninsulares, edificado em 1664 e que comemora a vitória portuguesa da guarnição comandada por Pedro Jacques de Magalhães, em 3 de junho desse ano, e erguido no local da contenda.

Mais para diante, já na freguesia de Escalhão, quando o granito cede lugar ao xisto e a paisagem se recobre das cores mediterrânicas dos vinhedos, olivais e amendoais,

um grande auroque paleolítico vela o Águeda que corre já próximo da foz. Junto às suas águas, outros vestígios coevos lembram-nos que gerações de caçadores-recoletores paleolíticos que ocuparam este território, do Coa ao Águeda, do Coa a Siega Verde, deixaram a sua mestria do traço à luz do dia nos xistos que são hoje património mundial. O troço termina nas minas da Caleira, com os seus fornos, estruturas de apoio e galerias de exploração de cal tão bem conservados. Aqui, já à vista de Escalhão, os topónimos falam-nos das realidades que deixámos para trás: a *Passagem de São Bernardo*, marcando o caminho que ligava a *Santa Maria de Aguiar*, mosteiro cisterciense no sopé do elevação onde o rei leonês fundou *Castelo Rodrigo*, e o *Fojo* que nos recorda a fauna que, se deu nome a *Mata de Lobos*, hoje emerge na Ibéria, e em geral por toda a Europa, dando sentido aos que por décadas a procuraram proteger.



Fig. 15: Padrão de Salgadela (Fot. AMB). De Mata de Lobos a Escalhão. As minas da Caleira (Fots. ACPL). O auroque paleolítico do Águeda, fotografia e levantamento em desenho por Fernando Barbosa (Fots. MR).



Do Águeda ao Douro pela Ribeira de Aguiar: de Escalhão a Barca d'Alva

Neste troço, primeiro correndo em mesas planálticas, depois em sentido descendente, percebemos o encontro deste três rios maiores: Douro, Águeda e Coa. Pela importância do património que guardaram em terras de tão baixa densidade populacional, foram integrados pela UNESCO na lista do Património Mundial. Os vales, longos encaixes desenhados pelas águas, recortaram um cantão, o medieval Ribacoa, aqui, na sua derradeira faixa setentrional, definido pelo couto dos monges cistercienses de Santa Maria cujas vinhas, há 800 anos atrás, verdejavam na Quinta de Granja, na Foz da Ribeira de Aguiar. Hoje são outras vinhas, em extensas quintas também, ocupadas nessa sua vocação mediterrânica, modelando as margens do Douro.

A rota leva-nos pelo interior de Escalhão, de poderosa igreja e vasto casario onde o vernacular, de boa traça e largos cunhais de esquadria cuidada, ombreia com construções de maior volumetria infladas pelos proventos que, há um século atrás, vieram de terras brasileiras. A descida ao Douro faz-se dominando visualmente o vale da Ribeira de Aguiar. E aqui é também no tempo que se caminha, sempre para trás, ao encontro de uma paisagem hoje muito pouco densa, mas na qual intuímos intensos movimentos de séculos anteriores. As quintas de Aguiar guardam vestígios de época romana, marcando, na sua distribuição arqueológica, o traçado da via que atravessaria o vale. Quando descemos, no troço que bem poderíamos chamar dos *pombais*, pelo número e

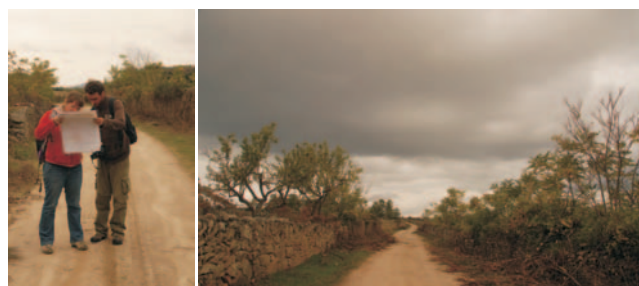


Fig. 16: A Quinta de Boais. Caminho a partir de Escalhão, o "troço dos pombais".

diversidade destas construções que nos acompanham na jornada, veremos a *Quinta de Boais*. Centremo-nos um pouco nela. Junto à quinta, não longe da *Fonte dos Lobos*, o *Castelão* ergue-se junto ao seu pequeno cânion, falando-nos das ocupações da pré-História recente e proto-História que acolheu. A ocupação romana surge mais baixa, no vale, estende-se em pontos diversos até ao Douro. A quinta guarda uma surpresa: uma das construções, um ovil, foi templo de boa traça e amplos espaços, e a sua fábrica de finais da Idade Média, deixa-nos supor o povoamento continuado neste vale, desde época romana, o tempo do carril mourisco, até à Idade Moderna. A memória das comunidades guarda um litigância pela santa padroeira entre as freguesias vizinhas: Escalhão e Vilar de Amargo.

Olhamos para poente e sabemos que uma passagem sobre poldras, mais adiante uma ponte, nos levariam, se mudássemos o rumo do *carril mourisco*, a essa outra freguesia. Mas não mudaremos, seguimos para norte e avistaremos Calábria, sobre a nossa esquerda, elevação imponente quando olhada deste ângulo. Sede de bispado alti-medieval, a muralha que serpenteia circuitando a cumeada evoca a bibliografia arqueológica e, olhando



o monte ermo, lembramo-nos da referência a ter ali sido então cunhada moeda. Acercamo-nos assim de Barca d'Alva com um sopro de nostalgia, lembrando as comunidades que crescem, e se desenvolvem, e depois estiolam e à terra voltam, recobertas por simples giestas e lembradas por um pano de muralhas.



Fig. 17: À esquerda, interior e exterior de edifício usado com funções rurais, na Quinta de Boais, antigo templo a carecer de proteção (Fots. ACPL). Em cima Calábria, vista de norte e ocidente, nesta última com a Quinta da Granja em primeiro plano (Fots. MR) e Barca de Alva, vista de oeste (Fotografia: AMB) Fotografias: MR



Barca de Alva

De Alva a Alpjares: de Barca d'Alva a Poiares

Barca d'Alva. Não haverá alguém no norte do país que não tenha este topónimo na memória. Sítio sempre de passagem. Da barca que o topónimo lembra. Do comboio, a última estação ferroviária da linha do Douro. De tantas saídas “a salto” para Espanha. Hoje um cais fluvial que fervilha de turistas de tão diversas nacionalidades. Em frente, a Quinta de Alva esconde o que resta da malograda vila de Alva, com a sua igreja, casario e cerca, mas que não escapou ao despovoamento ainda em tempos medievos. Encaminhar-nos-emos para a ribeira do Mosteiro, por onde serpenteia outra pequena rota do Parque Natural do Douro Internacional. Subiremos a calçada de Alpjares munidos do trabalho monográfico²⁰ que nos diz tudo o que podia ser dito sobre o sítio e da melhor forma que podia ter sido dita. Por isso recomendamos vivamente a leitura, e neste texto lembraremos apenas que neste local, para onde as visitas de estudo se encaminham para ver as dobras do xisto, onde os laranjais e oliveiras seculares pontuam as cotas baixas, as calçadas intemporais vencem a geologia impulsiva e nos transportam até às alturas de Poiares, passamos junto a uma pintura paleolítica, a uma atalaia, a um castro proto-Histórico, a um conjunto de sepulturas escavadas na rocha... É verdade que há uma fileira de postes de alta tensão a combater, há anos, para desvirtuar o sítio. Mas concentremo-nos para que esse pequeno exército fique soterrado, por agora apenas na memória, e que não desfigure o que relembremos: um sítio extraordinário, em que a geologia, a fauna e a arqueologia se conluíram para nos espantar.



Antiga vila de Alva



20

A Calçada de Alpjares, coordenação de Nelson Rebanda (2006), contando com contributos de especialistas de vários domínios, a fauna, a flora, a geologia, a História e o património cultural.



Calçada de Santana (Fotografia: AMB)

Dobras do xisto na Ribeira do Mosteiro (Fotografia: AMB)



Fotografias: PG em cima e MR em baixo.

Dos Milagres a Menones: de Poiares a Freixo de Espada à Cinta

Até Poiares teremos que seguir uma sinuosa estrada, a cota elevada, asfaltada recentemente. A rota não se desvia dela pois guarda as características do que foi: um estreito caminho rural, de amplas vistas. De Poiares a Freixo iremos vencer o principal do desnível pela Quinta dos Milagres que compõe o seu domínio, fazendo jus ao nome, numa orografia vigorosa, arrancando vinhas em declives, num jogo de luz e sombras entre encostas soalheiras e vertentes sombrias, mais frescas no estio. Andamos perto do Penedo Durão, celebrado miradouro onde sobrevoamos nós os grandes abutres que, oram planam sob os nossos olhos, ora volteiam aproveitando as massas de ar e nos fazem subir o olhar para o horizonte. Abeiramo-nos de Freixo de Espada à Cinta, vila medieval que tentou guardar — a custo, diga-se, lutando contra a vontade dos homens —, as marcas de um passado mais pujante, quando uma forte comunidade judaica aqui assentou praça. Padieiras e ombreiras decoradas ornaram o

casario que se desenvolve em torno da igreja, torre do castelo e pelourinho de traça manuelina, pela sua importância classificados como monumento nacional. São uma alegoria ao canto do cisne dos núcleos urbanos da orla raiana, que precede o paulatino despovoamento e perda de dinamismo que instalou, por muitos séculos, um manto de ruralidade entre o Coa, o Águeda e o Douro Internacional. A rota conduz-nos pela rua do Carril até à ponte do mesmo nome em silharia granítica que nos levará a Mazouco. À saída, a *Fonte de Menones* ladeia a estrada asfaltada que agora calcorrearemos por algum tempo. Fonte de mergulho, integra-se num muro em alvenaria de xisto que segue ao longo da via e sustenta as terras em declive. As estações de serviço que hoje abastecem, à saída das povoações, os meios de transporte, foram por muito tempo as fontes que, nos principais caminhos de acesso, descendentavam as bestas antes da entrada no burgo.



Fig. 19: TPonte do Carril e casa em Freixo de Espada à Cinta, Fots. AR. Igreja Matriz de Freixo de Espada à Cinta, Fot. AMB

Dos Montes Ermos ao Carrascalinho

De Freixo de Espada à Cinta a Lagoaça, por Mazouco e Fornos

Passamos nos Montes Ermos e lembramo-nos dos pedidos que os arquivos da Câmara Municipal de Freixo de Espada à Cinta registam em nome de Guerra Junqueiro, no ano em que Guerra Junqueiro volta de Coimbra com o curso terminado para aí, como noutros pontos, prospetar minério. Mais adiante infletiremos para as margens do Douro, buscando a capela da Senhora de Santana guardada também, à semelhança do castro de Santo André no Águeda, pelos berrões proto-históricos dos povoados coevos que, daqui até alturas de Miranda, procuraram as arribas do Douro para se alcandorar. Para alcançar passaremos no sopé de um grande povoado romanizado, Santa Luzia, de onde provêm inúmeros materiais arqueológicos e mais de duas dezenas de berrões. Neste ponto as alminhas do Juncal, à vista da arruinada quinta e do Douro que lhe corre aos pés, impressionarão os mais atentos e predispostos às leituras de borda de caminho: *Ó VÓS QUE PASSAIS / LEMBRAI-VOS DE NÓS / QUE NO FOGO SOFREMO / TORMENTAS ATROZES*. De Santana subiremos a Mazouco, serpenteando pela encosta, percebendo agora melhor quando nos diziam na aldeia “dantes trazíamos trabalhadas as terras junto ao rio,



mas ficávamos lá no tempo quente, junto aos campos, nas épocas de mais trabalho”.

Justifica-se a escolha, vencer a encosta é difícil. Aqui, por uma outra vez, recuamos no tempo: a primeira gravura rupestre de ar livre identificada em Portugal atribuível ao período Paleolítico Superior, mais de uma década antes da descoberta da arte do Coa, situa-se aqui, junto às águas alteadas da albufeira de um rio represado e vencido por barragens.

De Mazouco, que atravessaremos, a paisagem é deslumbrante. Continuamos a rumar a norte, para montante, procurando alcançar Fornos pelo caminho da Fonte das Castelhanas.

Em Fornos e Lagoaça estão inventariados e mesmo classificados monumentos, particularmente religiosos, e o urbanismo de Lagoaça é marcado por um conjunto de casas senhoriais e *fidalgas*.

Mas vamos destacar um outro aspeto: estamos a passar muito próximo, em Fornos, de um conjunto de sepulturas medievais escavadas na rocha e, já em Lagoaça, próximo de mais um *castro das arribas*, num assentamento vertiginoso sobre o Douro que corre lá muito em baixo. A *grande rota do carril mourisco* procura fazer esta ligação entre a *rede pré e proto histórica* de ocupação das arribas e a *rede baixo-medieval, moderna e contemporânea* de ocupação dos planaltos, nas aldeias atuais e nas “vilas históricas”. É uma viagem ao longo Águeda e Douro, mas é também uma viagem na História e na Natureza. Sobre esta última deixemos que nos fale o miradouro do Carrascalinho, entre Fornos e Lagoaça, sentinela das arribas.

Fig. 20: Gravura paleolítica de Mazouco, Fot. ACPL. A aldeia de Mazouco sobre o Douro, o miradouro do Carrascalinho e o castro de Lagoaça, Fots. ACPL e AR.





Grifo. Fotografia: ER

No Carrascalinho

Eduardo Realinho

Aqui se mira o Douro e daqui se pode observar o melhor do seu meio natural. Ladeado de altas encostas verticais, ricas de vida, juntamente com os olivais e os laranjais dispostos em socalcos, encontramos a mancha mais extensa de Lódão-bastardo *Celtis australis*, árvore autóctone destes vales alcantilados que persiste onde o impacto das gentes foi menor durante a ocupação das arribas. Juntamente com o seu reflexo verde nas águas do Douro é possível observar as aves rainhas deste vale: os grifos, sempre presentes, partilham o céu com espécies emblemáticas que enchem a vista aos observadores mais atentos, como o Abutre do Egípto ou a Águia-real.

Tal só é possível pela abundância e inacessibilidade das escarpas nas arribas do Douro, que conferem a estas espécies a proteção e tranquilidade necessárias durante o período de nidificação. Viajarmos com as aves que por aqui voam é como viajar na história deste território, imaginando as suas adaptações às mudanças que as gentes iam provocando na paisagem, tanto nos momentos de ocupação como nos momentos do abandono e recuo progressivo das pessoas para o planalto, retornando este vale ao seu carácter selvagem, ano após ano.

Bibliografia

AIRES, Cristóvão (1898). *História do Exército Português*. Vol. 2.

ALVES, Francisco Manuel (2000). *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*. *Arqueologia, Etnografia e Arte*. Tomo IX. Câmara Municipal de Bragança, Instituto Português dos Museus.

BEÇA, Celestino (1915). *Estudos Arqueológicos do Major Celestino Beça*. In "O Arqueólogo Português", 1a série, Tomo 20, Lisboa, pp. 74-106.

BARROCA, Mário (2008). *De Miranda ao Sabugal – Arquitectura Militar e Testemunhos Arqueológicos Medievais num Espaço de Fronteira*. In "Portvgalia", Nova série, 29-30, pp. 193-252.

BERNARDO, Hermínio Augusto (2000). *Para a carta arqueológica do concelho de Miranda do Douro*. In *Separata de estudos mirandeses: balanço e orientações*. Porto: Granito, editores e livreiros, pp. 187-220.

CAPELA, José Viriato; BORRALHEIRO, Rogério; MATOS; Henrique, OLIVEIRA; Carlos Prada (2007). *As freguesias do distrito de Bragança nas memórias paroquiais de 1758*. *Memória, História e Património*. Braga: Coleção Portugal nas Memórias Paroquiais de 1758.

CARDOSO, Luís (1794). *Corografia portugueza e descripçam topográfica do famoso reyno de Portugal* Dicionario Geografico. Regia Officina Sylvana, Academia Real. Tomo I e II. COSTA, António Carvalho da (1650-1715). Lisboa.

Cosme, S. (1998) - *Projecto de Investigação Arqueológica do Território do Monte do Castelo (Almendra)*, in *Terras do Coa, da Malcata ao Reboredo*.

Cosme, S. R. (2008) - *Proto-história e Romanização entre o Côa e o Águeda*. In "Atas do III congresso de Arqueologia Trás-os-montes, Alto douro e Beira Interior", Ed. ACDR Freixo de Numão.

GOMEZ-MORENO, Manuel (1927). *Catálogo Monumental de España. Provinvia de Zamora (1903-1905)*. Ministerio de Instruccion Publica y Bellas Artes.

GUEDES, Maria Teresa V. S. (2010). *O Alto Douro na Obra de Orlando Ribeiro*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. (Dissertação de Mestrado).

LEMOS, Francisco Sande (1993). *O Povoamento Romano em Trás-os-Montes Oriental*. Vol. I e II. Universidade do Minho, Braga. (Dissertação de Doutoramento).

MEIRINHOS, José Francisco (2000). *Estudos Mirandeses: balanço e orientações*. "Homenagem a António Maria Mourinho. Actas do colóquio Internacional": Porto, 26 e 27 de Março de 1999. Porto.

MOURINHO, António Maria (1978). *Ponte Romana no Rio Tuela*. Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia na Faculdade de Ciências do Porto, pp. 277-288.

MOURINHO, António Maria (1987). *Três eremitérios no Douro, em Terra de Miranda*. In *Gaya, Revista do Gabinete de História e Arqueologia de Vila Nova de Gaia*, 5, Vila Nova de Gaia, pp. 195-198.

PEREIRA, José M. M. (1908). *As Terras Entre-Sabor-e-Douro*. J. I. Dos Santos & Ct.a, Setúbal. PIMENTEL, Júlio Máximo de Oliveira (1876). *O Douro Ilustrado*. Porto.

PIMENTEL, Júlio Máximo de Oliveira (1876). *O Douro Ilustrado*. Porto.

REDENTOR, Armando (2002). *Epigrafia romana na região de Bragança*. In *Trabalhos de Arqueologia* 24. Lisboa, Instituto Português de Arqueologia, pp. 21-35.

REDENTOR, Armando (2003). *Representações zoomórficas na epigrafia funerária transmontana- zamorana ocidental da época romana*. In *Iconografia e simbolismo nas civilizações clássicas*, Secção III, pp. 163-199.

ROSAS, Lúcia M. Cardoso (2000). *O eremitério Os Santos em Sendim/Picote*. In "*Douro – Estudos e Documentos*", vol. V (9), Porto, pp. 47-57.

SANCHES, Maria de Jesus (1996). *Ocupação Pré-histórica do Nordeste de Portugal*. "Série Monografias e Estudos". Zamora: Fundação rei Afonso Henriques.

SANTOS, Júnior, J. R. (1975). *A cultura dos berrões no Nordeste de Portugal*. In "*Trabalhos de antropologia e etnologia*", Vol. 22, Fasc. 4, pp. 352-516.

SILVA, Armando Coelho Ferreira (1986). *A cultura castreja no Noroeste de Portugal*. Paços de Ferreira, Museu arqueológico da Citânia de Sanfins.

Fotografias:

ACPL – Alexandra Cerveira Lima
AMB – António Martinho Baptista
AR – André Rolo
ER - Eduardo Realinho
JR – João Romba
JPR – José Paulo Ruas
MR – Mário Reis
PG – Pedro Guimarães